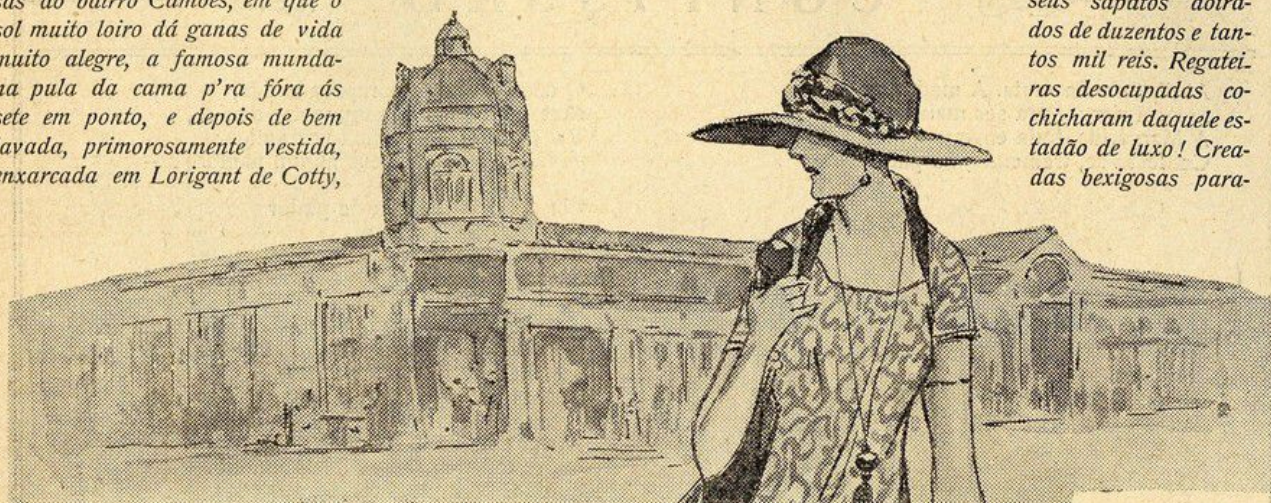


Singularidades de Maria Margarida

Maria Margarida, Flor-da-noite, que é, sem receio de contradição, a mais elegante, a mais cobiçada, a mais cara mulher de Lisboa, de cuja boca um beijo custa um rôr de escudos, e por quem se arruinaram e perderam dezenas de homens desvairados, tem uma singularíssima, extranha mania, que espanta e assombra quantos a conhecem. Nestas grandes manhãs de Julho, em que uma brisa rural vadia consoladoramente pelas ruas preguiçosas do bairro Camões, em que o sol muito loiro dá ganas de vida muito alegre, a famosa mundana pula da cama p'ra fóra às sete em ponto, e depois de bem lavada, primorosamente vestida, enxarcada em Lorigant de Cotty,



escôa-se p'rá Baixa num «Gomes Freire», e mergulha alegremente no restolho matinal da Praça da Figueira!

Um moço amigo e pelintra, que ha trez largos meses platonicamente a segue e deseja, dissera-me ha dias desse extraordinario capricho, quando por nós passou no Chiado o «Pic-Pic» do banqueiro que a protege, com ela dentro, toda em sedas bizarras, e um chapéu do Cardoso, p'ra cima de seu conto e quinhentos. Palrou o pobre mancebo enamorado, com enlevo e muito cfo recontido, da soberba elegancia parisiña, das consabidas madurezas da linda Flor-da-noite, a quem todos os meninos maneirinhos da Garrett e todos os socios bisonhos do Monumental rendem continua e fervorosa vassalagem. Disse do seu espírito superior de mulher, tão celebre e tão apregoado pelos babosos da capital que lhe são côrte, mas frisou especialmente com veneração, mesmo com um sorriso de admirado encanto, aquelas exquisitas peregrinações á Praça da Figueira, que por acaso descobrira, considerando-as como tudo o que de mais «chic, de mais cubista se faria actualmente na decrepita e bocejante Lisboa. A Maria Margarida, toda em sêdas, com seu chapéu de conto e picos, a comprar cerejas bicaes no mercado!

— Espírito superior de mulher! Grande cocote! Hein!?

E, à sombra das suas proprias palavras, nos olhos do belo rapaz alargava-se o mesmo pasmo, o mesmo embevecimento, o mesmo extasis dos olhos dum praticante de farmacia que, numa quieta botica das Beiras, ouvisse falar de Paris e duma estroinice do Principe de Galles visitando alta noite logares vesgos de Montmartre.

Ora calhou ontem que, por volta das nove, entrando na Praça, á cata duns cravos, topei Maria Margarida.

Vestida como se fora para S. Carlos, seu formoso braço nú era abraçado por duas pulseiras de preço, e seu colo de garça rompia dum esplendido colar de perolas verdadeiras. Estava deante duma giga de feijão verde, considerando... Depois, descalçou a luva de canhão de mosqueteiro, partiu dois ou trez, e decerto perguntou preço, porque abanou a fulva cabeça como se lhe não conviesse, e tomou para a banda dos talhos. Foram calcando talos os seus sapatos doirados de duzentos e tantos mil reis. Regateiras desocupadas cochicharam daquele estado de luxo! Creadas bexigasas para-

vam, miravam-na de alto a baixo, com amargurada inveja. Um galego desbarretou-se. E um cabo da guarda republicana, considerando-lhe as ancas esbeltas, devia ter largado graçola grossa, porque eu tive a impressão de que nunca tão lisongeadamente sorriu em mêsas da Garrett, em face dos madrigais dos poetas e dos parvos, a sua boca airosa e apetecida.

E passou.

E foi por toda a Praça, naquele esplendor e pompa do seu luxo asiático, estacando aqui para sopesar frutos, parando alem, a perguntar o preço da pescadinha marmota. E fazia tudo aquilo com método, como quem mata um vicio, pratica um velho e saboroso rito. Seguia-a, surprezo efecti-

vamente daquela originalidade, daquele gosto exótico de percorrer o mercado solenemente como loja de modas, armazem de antigualhas, no interesse de todas as novidades, cumprindo uma imposição mundana. E, confesso, que não atingi em certo momento o motivo oculto dum suspiro que deu, à porta dum talho, na ocasião em que bolia uma posta de alcatra, suspensa dum gancho recurvo.

Só fiquei devidamente esclarecido, mais tarde, quando Maria Margarida estacou em frente dum lugar de galinheira. Uma femea forte, arremangada, com dois grandes cordões ao peito e dois dentes de oiro, que depenava um capão, sorriu-lhe, falou-lhe com certa intimidade. Penas muito leves bailavam no ar, e uma delas suavemente foi descendo, descendo e veio poisar, beijar a sua meia de sêda côr de carne, da mesma côr da sua pele macia e cobiçada. A conversa devia ser-lhe gratissima. Porque nunca, em

ceias no Mayer ou no Maxim, tão fresca e fartamente se espanejou a alegria, a festa dos seus olhos e da sua bôca rubra, como nessa manhan, em face das gaiolas dos frangos e da redonda galinheira. Ambas riam, às escancaras. Avisinhei-me, surrateiro. E quando lhes passei, rente, ainda a matrona dizia:

— O' Guidinha, aquilo é que eram tempos, hein! Quando a menina estava em casa do Lucas da Alfandega... Alembra-se...?

Ah!!... Agora!... Agora, sim! Afinal, Maria Margarida, Flor-da-noite, espírito superior de mulher e grande cocote — como lhe chamava o assombrado mancebo — não vae à Praça da Figueira por destrambelhamento elegante, requinte de exotismo.

Vai — coitada! — para matar saudades.

Augusto Pinto